

SONHOS TROPICAIS: FILME DO ESPAÇO, LIVRO DO TEMPO

LÓPES, Juliane Santana¹ (jujuliane_slopes@hotmail.com); **OLIVEIRA, Paulo Custódio de**² (pensepaulo@gmail.com)

¹IC/FACALE/UFGD. Acadêmica do Curso de Letras da FACALE. Membro do Grupo de Estudos InterArtes/UFGD.

²Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras/FACALE. Coordenador do Grupo de Estudos InterArtes/UFGD.

As mídias performativas ganham cada vez mais espaço na sociedade contemporânea. As produções cinematográficas, não alheias a isso, carregam grande parte da informação de nossa história social. Como portador de muitas informações os filmes acabam que sendo referência para o público, como transmissor do lúdico aliado ao informativo. O filme histórico, sobretudo, carrega essa característica, além de servir de referência aos próprios historiadores que, atentos aos adventos da mídia performativa, se veem na obrigação de análise do conteúdo por ela repassado. Este trabalho teve por objetivo a análise comparativa entre o livro *Sonhos Tropicais* do escritor e médico Moacyr Scliar e a adaptação fílmica homônima do cineasta brasileiro André Sturm. Essas duas mídias, o livro e o cinema, possuem especificidades que as singularizam. Os instrumentos de cada uma proporcionam formas condizentes com o veículo que as suportam, ou seja, a narrativa romanesca alicerçada na prosa e a obra fílmica nas imagens, nos sons, nos cenários realistas e performances. A adaptação é a releitura de uma obra já existente o que resulta em uma nova obra em que o intertexto não é uma cópia e sim é um novo olhar sobre um objeto já existente. Sendo assim, exploramos o potencial de cada obra: o espaço cenográfico requintado do filme histórico, e a disparidade temporal do livro. A metodologia utilizada para desenvolver a comparação foi a pesquisa bibliográfica em livros, sites e revistas especializadas. Como resultado constatamos que a linguagem imagética adotada por M. Scliar no romance faz dele uma obra voltada à complexidade temporal. O signo da linguagem escrita cria no leitor uma noção de tempo icônico pelo fato de os tempos verbais estarem mesclados, fornecendo a imagem do tempo e subordinando a narrativa ao jogo verbal que introduz o leitor no desenvolvimento de cada personagem. No entanto, o filme manteve um contar linear dos fatos históricos, sendo a fotografia a prova documental da realidade por ele reportada. Isso prova que a “literatura pós-cinema” muito abstraiu dessa nova mídia. Se no início do cinema ele se voltou à literatura para se estruturar, na literatura contemporânea o contrário também acontece. A impossibilidade de colocar imagens em movimento num texto escrito não foi empecilho para que o autor tornasse o tempo uma imagem autônoma. Essa autonomia acontece porque a disparidade temporal presente no livro não deixa abalada a continuidade da narrativa.

Palavra-chave: Literatura. Cinema. História.